



Programa de Pós-Graduação em Sensoriamento Remoto Disciplina: População, Espaço e Meio Ambiente – SER-457-3

#### **MONOGRAFIA**

# MIGRAÇÃO DE RETORNO NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA A PARTIR DO CENSO 2010

**Professores:** Antônio Miguel Vieira Monteiro

Eduardo Camargo

**Aluno:** Járvis Campos

Registro nº: 131.636

Trabalho final para avaliação parcial na disciplina de Análise Espacial de Dados Geográficos, do Programa de Pós-Graduação em Sensoriamento Remoto, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

INPE São José dos Campos Dezembro de 2014

#### **RESUMO**

A recente disponibilização dos microdados do Censo Demográfico 2010 permitiu constatar uma redução importante no volume das migrações — entendido como a mudança de residência fixa — em paralelo a outros tipos de mobilidade, como é o caso da pendularidade. Contudo, há um tipo de migração (de mudança de residência) que tem crescido de forma acentuada nos últimos anos: a migração de retorno, principalmente para áreas historicamente fornecedoras de mão de obra, como as regiões norte de Minas e o Nordeste brasileiro. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o efeito direto da migração de retorno para o Nordeste, a partir dos microdados do Censo 2010.

Os microdados permitem o cálculo de estimativas diretas de migração, tais como o critério de data fixa (que possibilita a mensuração dos saldos migratórios, das taxas líquidas de migração e dos fluxos migratórios), o critério de última etapa (e por tempo de residência), e a junção dessas técnicas, o que permite a mensuração de indicadores importantes, tais como a migração por etapas, a reemigração e a migração de retorno de curto prazo, elementos importantes na análise da (re)distribuição espacial da população e da dinâmica das migrações.

Sendo assim, foram calculadas estimativas diretas para a identificação das migrações de retorno, como é o caso das migrações de retorno de curto prazo (ocorridas dentro do quinquênio) e as migrações de retorno de data fixa. Vale ressaltar que essas informações foram trabalhadas segundo a hierarquia dos municípios nordestinos e segundo o status educacional, neste trabalho entendido como aqueles que possuem (ou não) o ensino superior. Por fim, foram mapeados os principais fluxos migratórios quinquenais, a partir da aplicação de técnica de análise fatorial, para identificar as principais centralidades e redes migratórias existentes dentro da região Nordeste.

#### 1. Introdução

A dinâmica recente dos fluxos populacionais (ou da mobilidade, de um modo geral) no Brasil tem apresentado algumas particularidades, seja no que diz respeito à diminuição das migrações interestaduais — que inclusive tem suscitado algumas análises precipitadas sobre a diminuição das migrações no país — bem como o crescimento de outros tipos de mobilidade, caso da pendularidade e de movimentos em curtas distâncias. Contrária a essas polêmicas e indefinições da trajetória recente e da dinâmica atual das migrações, a migração de retorno vem se consolidando nos últimos anos como um fenômeno de destaque, seja pelo crescente volume ou por sua crescente importância relativa. Neste contexto, o Nordeste vem se destacando como a região de maior proporção de retornados, e, justamente por isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar algumas variáveis do Censo Demográfico 2010, no intuito identificar, de forma mais detalhada, as principais características da migração de retorno na região.

Para tanto, serão analisados os migrantes de retorno de data fixa e de curto prazo, dado que correspondem às mensurações via técnica direta, na medida em que este trabalho não tem como objetivo identificar os efeitos indiretos da migração de retorno, no caso, as crianças nascidas após o retorno dos pais e os imigrantes que não são de retorno que, no entanto, imigraram como consequência da migração de retorno, como cônjuges, filhos, entre outros laços existentes.

O volume total de migrantes identificados corresponde ao que se denominou como "migração interregional", neste caso para as migrações realizadas fora da Região Nordeste. Esse recorte tem como objetivo analisar de forma mais detalhada o grupo de migrantes de retorno para o Nordeste, caracterizado pelos migrantes de retorno interestaduais, oriundos de outras UF' do Brasil. Tal fenômeno, que em grande parte corresponde aos retornados de São Paulo, e identificados em trabalhos recentes sobre as tendências das migrações interestaduais no Brasil, suscita a necessidade de se compreender melhor sua dinâmica.

Outro recorte importante que fora realizado diz respeito à distinção entre naturais e não naturais. Neste caso, o objetivo foi analisar a proporção dos migrantes que retornam para o mesmo município, informação que se torna relevante dado que os

municípios foram agrupados de forma hierárquica, o que nos permite identificar, para os retornados à mesma UF porém para outro município em relação ao de nascimento, em qual posição da hierarquia urbana os migrantes de retorno realizaram o fluxo migratório, o que por sua vez nos fornece importantes indícios acerca da redistribuição espacial desse grupo populacional.

Além disso, no aspecto educacional, serão mapeados os retornados segundo o nível de ensino, neste caso determinado entre aqueles que possuem ou não curso superior. Diante do quadro recente de universalização do ensino básico brasileiro e diante da estagnação do acesso ao ensino superior, observado até o início da década de 2000, o ensino superior tem sido fruto de políticas públicas, tanto no acesso a bolsas de estudo quanto na legitimação de cotas. Contudo, as desigualdades são ainda evidentes, inclusive no âmbito regional, o que por sua vez nos permite inferir sobre a seletividade dos fluxos populacionais de migrantes qualificados; o que, no caso da migração de retorno, é possível sugerir que esse grupo se concentre nos grandes centros, muitas vezes em detrimento ao retorno para o município de nascimento (quando este corresponde a uma categoria inferior da hierarquia urbana). Outra dinâmica diz respeito aos migrantes de baixa escolaridade que migram para centros maiores na hierarquia em busca de uma maior qualificação. Porém, como o trabalho se restringe aos retornados (ou seja, provavelmente com a "etapa final" do movimento) a hipótese possível para a parcela de baixa escolaridade é a maior proporção de retornados para o mesmo município de nascimento, fator que pode estar relacionado ao "fracasso" da migração, num contexto de ausências de investimento educacional durante o ciclo migratório, e o retorno à terra natal.

Portanto, no âmbito educacional é interessante estudar, a partir de uma análise comparativa, o subgrupo de migrantes retornados com e sem ensino superior completo, tendo ainda como parâmetro o perfil dos não migrantes, a partir do mesmo recorte de escolaridade. Em que pese a simplicidade deste agrupamento (com ou sem ensino superior), tal distinção será considerada como uma proxy do nível educacional dos subgrupos de população, no intuito de observar se os retornados possuem maior escolaridade comparativamente aos não migrantes, ainda que não se saiba, em caso afirmativo, se este diferencial educacional foi alcançado no local de destino, hipótese esta sujeita à verificação em estudos futuros.

Por fim, foram mapeados os principais fluxos migratórios a partir da aplicação de técnica de análise fatorial. Neste caso, não foram analisados os retornados, mas todos os migrantes quinquenais, com o objetivo de identificar as principais centralidades e redes migratórias existentes dentro da região Nordeste, o que constitui numa fonte de informações mais abrangente e, portanto, complementar as informações relativas às migrações de retorno.

Pretende-se, portanto, que as informações disponibilizadas contribuam para um melhor entendimento da dinâmica e do perfil migratório, no que diz respeito aos migrantes retornados ao Nordeste, de outras UF's do Brasil, a partir dos dados do Censo 2010.

## 2. Discussão sobre migração de retorno e o caso do Nordeste brasileiro

Entende-se por migrante de retorno aquela pessoa que deixou o seu local de origem, residiu algum tempo em outra região e depois regressou ao seu lugar de nascimento. Em geral, o motivo da saída do indivíduo é de ordem econômica, ou seja, ele segue em busca de melhores oportunidades de emprego na expectativa de incrementar sua renda. O retorno, muitas vezes, se verifica por algum equívoco de avaliação quanto às oportunidades no local de destino, o que resulta em frustração no que tange às suas expectativas quanto às melhorias almejadas.

Por outro lado, a migração pode fazer parte ainda de um planejamento a longo prazo de mudança de residência, quando o migrante se posiciona como um trabalhador que agregará bens e/ou benefícios no tempo de sua estada fora, retornando, mais idoso, para seu local de origem e, assim, desfrutar a velhice juntamente com seus familiares.

Sayad (2000 apud Fazito, 2005) afirma que o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal, pois o retorno constitui um princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações. Desta forma, os sistemas empíricos de migração comportam como etapa essencial: o retorno, que a um só tempo fundamenta simbolicamente todo e qualquer deslocamento; e desempenha função estrutural na topologia desses sistemas, porque dinamiza o processo migratório.

Do ponto de vista das técnicas de mensuração, tendo por foco as pesquisas feitas no Brasil (Ribeiro *et al.* 1998; Ribeiro e Carvalho, 1998; Carvalho, 2004), conclui-se que

as migrações de retorno exercem grande impacto sobre o processo social das migrações, contribuindo definitivamente para o fortalecimento e expansão dos fluxos migratórios (FAZITO, 2005). Sendo o retorno uma condição intrínseca ao migrante, a perspectiva histórica é sempre essencial para a compreensão dos fluxos migratórios, pois seria de se esperar que os lugares que foram origem no passado passem a se constituir em destino para antigos emigrantes.

A migração de retorno é, sem dúvida, um dos principais fenômenos ocorridos dentro dos fluxos migratórios brasileiros nos últimos decênios. Regiões tradicionalmente fornecedoras de mão-de-obra, como Minas Gerais e o Nordeste, apresentam uma tendência de recuperação de sua população de emigrantes. No primeiro caso, por exemplo, observou-se que de 1980 a 2000 houve um aumento na proporção de naturais mineiros (aqueles nascidos em MG) residentes em Minas Gerais e uma redução da proporção de naturais mineiros residentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Goiás. Ao mesmo tempo, observou-se um aumento proporcional, dentre os residentes em Minas Gerais, de naturais de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Goiás. Os dois fenômenos estão relacionados e representam, em parte, o que se denominam efeitos direto e indireto¹ da migração de retorno dos naturais mineiros ao local (UF) de nascimento (GARCIA e RIBEIRO, 2004).

Em relação ao Nordeste, objeto de estudo deste trabalho, Martine (1994) afirma que, do ponto de vista econômico, o retorno pode estar ligado a uma melhoria na administração pública a partir da década de 1980, com a abertura de novas fontes de trabalho e de progresso econômico e social que, de certo modo, incentivaram o aumento da migração de retorno.

## 3. Metodologia

Em relação à migração de retorno, Carvalho e Rigotti (1998) afirmam que "deve-se considerar como de retorno de um período todo imigrante do período que, em algum momento do passado, residira na região em estudo". Com a introdução do quesito de

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> O efeito direto da migração de retorno a uma determinada UF corresponde a todo natural que tenha retornado a esta unidade da federação (UF) no decênio anterior à data do censo utilizado como fonte dos dados. O efeito indireto decorre da imigração de não-naturais, associada ao retorno de naturais; ou decorre do nascimento dos filhos dos retornados (das mulheres retornadas), na UF de destino (RIBEIRO, 1997).

data fixa no Censo de 1991, surgem novas possibilidades para a mensuração da migração de retorno. Segundo Carvalho e Rigotti, pode-se calcular o retorno ocorrido dentro de cada um dos quinquênios considerados, independentemente de o migrante ser ou não natural da unidade geográfica. É importante ressaltar que, se considerar apenas aqueles de última etapa que residiam há menos de 5 anos na UF e que tinham mais de 5 anos de idade, haverá mais imigrantes de última etapa vis-à-vis os de data fixa, pois todos os imigrantes de data fixa também o serão de última etapa, porém os retornados não estarão incluídos entre os de data fixa, mas sim entre os de última etapa.<sup>2</sup>

Neste contexto, foram calculados os imigrantes de retorno de data fixa e os migrantes de curto prazo. Os migrantes de retorno de curto prazo são entendidos como aqueles que residiam na unidade geográfica no início do quinquênio (no caso do Censo 2010, em 2005), emigraram – para fora do Nordeste, para este estudo – e a ela retornaram antes da data do censo, independentemente de o migrante ser ou não natural da unidade geográfica. Essa informação é, por sua vez, obtida a partir da relação entre as variáveis de data fixa e última etapa migratória, sendo calculada a partir do tempo de residência inferior a 5 anos, última UF de residência para qualquer Estado fora da Região Nordeste e a UF de residência há 5 anos (na data fixa) igual à UF de residência atual. Os migrantes de retorno de data fixa, por sua vez, correspondem aos nascidos na UF de residência, porém na data fixa residiam em outro Estado fora da Região Nordeste.

Como tem sido comentado, para este trabalho tanto os migrantes de retorno de data fixa como os migrantes de curto prazo foram restritos ao que se denominou como "migração interregional", neste caso para as migrações fora da Região Nordeste. A adoção deste critério tem como objetivo analisar de forma mais detalhada o grupo de migrantes de retorno para o Nordeste, em grande parte oriundos de São Paulo, e que foram identificados em trabalhos recentes sobre as tendências das migrações interestaduais no Brasil, a partir de um volume significativo das migrações interestaduais com destino ao Nordeste, o que, portanto, motivou a análise sobre este grupo específico de migrantes.

Outro critério adotado, e que também fora comentado, trata-se da separação entre aqueles que retornam para o mesmo município ou para outro município (da mesma UF), o que foi possível através de filtragens e da criação de novas variáveis, a partir dos microdados do Censo 2010, especificamente através das variáveis de última etapa e data

-

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ver (RIGOTTI, 1999).

fixa. Essa distinção entre naturais e não naturais foi feita para analisar a proporção dos migrantes que retornam para o mesmo município ou para outro município (neste caso restrito à mesma unidade da federação de nascimento). Essa informação é relevante para este trabalho, pois, como será comentado, na apresentação dos resultados foi feita a agregação dos municípios nordestinos por hierarquia das cidades e, neste contexto, torna-se de fundamental importância identificar, no caso dos retornados para outro município em relação ao de nascimento, em qual posição da hierarquia urbana este migrante de retorno realizou o fluxo migratório.

Ainda em relação aos dados de migração, ressalta-se que, para este estudo, não foram levados em conta os efeitos indiretos, no caso, as crianças nascidas após o retorno dos pais e os "imigrantes que não são de retorno que, no entanto, imigraram como consequência da migração de retorno, como cônjuges, filhos, etc" (CARVALHO E RIGOTTI, 1998).

Portanto, para os migrantes de retorno de data fixa e curto prazo interregionais, foram apresentadas as informações sobre os naturais e não naturais do município de residência (como fora comentado). No aspecto educacional, foram mapeados os retornados segundo o nível de ensino, neste caso determinado entre aqueles que possuem ou não curso superior, com o objetivo de identificar a seletividade dos fluxos populacional da parcela de migrantes com elevada qualificação, bem como analisar os diferenciais (para este nível de ensino) entre migrantes e não migrantes. Por fim, ressalta-se que todas essas informações foram desagregadas pela hierarquia dos municípios, neste caso subdividido entre os seguintes grupos: menos de 50 mil hab., 50 a 100 mil, 100 a 500 mil, 500 mil a 1 milhão e mais de um milhão.

## 3.1. Redes espaciais de migração

Com o objetivo de analisar a existência de padrões espaciais nos fluxos populacionais dentro da região Nordeste, o método de análise fatorial será empregado. A análise fatorial trata-se de uma técnica de interdependência, cujo propósito principal é definir uma estrutura inerente entre as variáveis em análise. Assim, examinam-se as interrelações entre um grande número de variáveis observadas e busca-se explicar as dimensões comuns que foram criadas (e agregadas), denominadas de fatores.

Portanto, a análise fatorial é uma técnica de redução de dados que não apresenta variáveis dependentes e independentes, como nos modelos de regressão. Ao contrário, trata-se de uma técnica de interdependência, no qual todas as variáveis são consideradas simultaneamente. Nesse sentido, espera-se que haja multicolinearidade, pois o objetivo é identificar conjuntos de variáveis inter-relacionadas, que serão agrupadas a partir dos fatores (RIGOTTI et al, 2014).

Na construção dos fatores, busca-se primeiramente analisar um conjunto de variáveis para identificar dimensões latentes, a partir de uma matriz de correlação das variáveis, de forma que são construídos grupos (fatores) de uma população maior a partir da matriz de correlação dos respondentes (agrupamentos). Como a análise fatorial é capaz somente de determinar a adequação das correlações entre as variáveis, é fundamental que o pesquisador possa garantir que os padrões observados sejam conceitualmente válidos.

O método de análise fatorial específico que será trabalhado trata-se da análise de componentes principais, cujo objetivo é resumir a maior parte da informação original em um único número mínimo de fatores. Nas componentes principais, considera-se a variância total e deriva fatores que possuem pequena proporção de variância única (associada apenas a uma variável específica, não podendo ser explicada pelas correlações com outras variáveis) ou de variância de erro (que também não pode ser explicada pela correlação entre outras variáveis, pois resulta de erros aleatórios ou sistemáticos) [RIGOTTI et al, 2014].

Para este trabalho, foram utilizadas matrizes de origem e destino, sendo que as colunas (destinos) correspondem às características (variáveis) das entidades, que por sua vez são dispostas em linhas. Assim, quando as matrizes são submetidas à análise fatorial, as cargas identificam os destinos que têm origens comuns, enquanto os scores indicam as origens que são altamente relacionadas com aqueles destinos; de tal forma que os fatores identificam um grupo de destinos, que recebem seus imigrantes de origens similares. Por sua vez, num dado fator, os scores identificam a associação relativa das origens com um grupo de destinos previamente delimitados (RIGOTTI et al, 2014).

A fim de selecionar as principais origens e destinos a serem mapeados, faz-se importante definir a regra de decisão que será tomada e, nesse sentido, Rummel (apud

Rigotti, 2014) sugere a utilização apenas das cargas maiores de 0,5, além do maior score de cada fator. Para este trabalho, foi adotado o fator (ou grupo) no qual uma dada variável apresenta a maior carga.

#### 4. Resultados

Inicialmente, faz-se importante identificar as principais tendências migratórias observadas nas últimas décadas para a Região Nordeste. Em seguida, serão apresentados os resultados para os migrantes de retorno de data fixa e curto prazo interregionais, e agrupados entre naturais e não naturais, com e sem ensino superior concluído e por hierarquia dos municípios, como definido na metodologia, a partir dos microdados do Censo 2010. Por fim, serão apresentados os resultados obtidos a partir da técnica de análise fatorial, que irá identificar as principais redes migratórias existentes na região Nordeste, com o objetivo de identificar as principais centralidades e redes migratórias intrarregionais.

Na região Nordeste, com exceção do Rio Grande do Norte nos dois últimos quinquênios, e Sergipe nos quinquênios 1986/1991 e 2005/2010, todos os demais estados apresentaram saldos migratórios e taxas líquidas negativas. Embora seja observada uma diminuição nas perdas migratórias da região Nordeste ao longo dos últimos 25 anos, com taxas líquidas de migração de -2,06%, -1,60% e -1,32%, respectivamente nos três quinquênios, essa perda é considerável, pois se verifica um saldo migratório negativo de 701.078 pessoas no quinquênio 2005/2010. Embora os emigrantes do nordeste tenham como principal destino o Estado de São Paulo, nos três quinquênios em análise, a configuração desses fluxos de emigrantes vem se modificando nas últimas décadas. Nos quinquênios 1986/1991 e 1995/2000, os estados da Bahia e de Pernambuco foram os principais responsáveis pela emigração rumo a São Paulo (com fluxos superiores a 70 mil pessoas, para cada estado e período), sendo Bahia e Pernambuco os dois estados nordestinos que apresentaram as maiores perdas líquidas de população no período 1986/1991 (282.477 e 145.555, respectivamente).

No período 1995/2000 nota-se uma redução dos saldos migratórios negativos na Bahia e Pernambuco, embora ainda com perdas expressivas e com forte emigração para São Paulo, e com a perda da segunda posição de Pernambuco em relação ao saldo migratório negativo, para o Estado do Maranhão. Já no período 2005/2010, é

interessante observar a contínua redução dos saldos migratórios negativos na Bahia e Pernambuco, sendo este último em ritmo mais acelerado, o que reflete na redução dos fluxos para São Paulo com origem em Pernambuco, permanecendo a Bahia não apenas como a principal fonte de emigrantes para São Paulo, mas como a principal responsável pelos saldos migratórios negativos do nordeste, acompanhada do estado do Maranhense.

Contudo, São Paulo continua sendo o principal destino dos emigrantes nordestinos, num quadro de continuidade das perdas populacionais, com exceção para Sergipe e Rio Grande do Norte, que apresentaram saldo migratório positivo no quinquênio 2005/2010. Ainda vale destacar o Estado do Maranhão, que após um aumento das perdas populacionais nos quinquênios 1986/1991 e 1995/2000, principalmente para a Região Norte (Pará e Amazonas), e TLM's negativas em 2,73% e 3,07%, respectivamente, passou a observar no período 2005/2010 uma leve redução do saldo negativo, com a TLM ainda representativa (negativa em 2,51%). Da mesma forma, os estados do Piauí e Alagoas também apresentam, neste último período, TLM's negativas e elevadas, na ordem de 2,26% e 2,46%, respectivamente.

Com relação aos estados do Nordeste, a recuperação ao longo dos últimos 25 anos tem sido mais expressiva que dos estados do Norte, tanto em termos absolutos quanto percentuais. Entre os quinquênios 1986/1991 e 1995/2000 nota-se um aumento significativo das migrações de retorno, principalmente para os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, com origem em São Paulo. Como exemplo toma-se o Estado da Bahia, que no período de 1986/1991 teve 61.005 imigrantes de retorno, o que equivalia a 32,69% do total de imigrantes para o estado. No segundo quinquênio, porém, esses valores foram de 108.094 e 43,14%, respectivamente, ou seja, um aumento considerável, mas com uma redução observada no período 2005/2010. Neste último quinquênio, observa-se que, com exceção dos estados de Sergipe e Rio Grande do Norte, os demais estados nordestinos apresentam uma proporção de retornados em relação aos fluxos de *data fixa* acima de 35%. Tal fato pode estar relacionado aos saldos migratórios observados serem positivos nessas duas UF's, no quinquênio 2005/2010.

Identificada as principais tendências das migrações interestaduais para os estados do Nordeste, as tabelas e figuras abaixo estão relacionadas aos recortes estabelecidos para este artigo. A tabela 1 apresenta a distribuição das cidades de toda Região Nordeste, segundo a hierarquia definida abaixo, onde é possível observar a concentração das

cidades abaixo de 50 mil habitantes. A tabela 2, por sua vez, apresenta o volume de migrantes, que representa aproximadamente 25% da população total. A tabela 3, que apresenta um volume bem menor que a tabela anterior (em torno de 267 mil migrantes), corresponde aos migrantes de retorno interregional, dos quais 61% retornaram para o próprio município de nascimento:

Tabela 1: Hierarquia das cidades - número e proporções dos municípios para a

Kegiau	Morueste	
Hierarquia dos municípios	Número de cidades	%
>1 milhão	4	0,22%
500 a 1 milhão	7	0,39%
100 a 500 mil	47	2,62%
50 a 100 mil	113	6,30%
<50	1623	90,47%
Total	1794	-

Fonte: Censo Demográfico 2010

Tabela 2: População dos municípios por condição de nascimento e residência - Região Nordeste — 2010

itegiao 1101	ueste 201	<u> </u>		
Condição	População	%		
Sim e sempre morou	35.287.977	71,5		
Sim mas já morou fora	2.236.308	4,5		
Não	11.847.422	24,0		
Total	49.371.707	100,0		

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

Tabela 3: População total dos migrantes de retorno interregional por condição de nascimento no município

Condição	População	%						
Sim	163.351	61,0						
Não	104.254	39,0						
Total	267.604	100,0						

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

A tabela 4 mostra a relação entre nível educacional e condição de nascimento. É interessante observar que, entre os indivíduos que nunca migraram, apenas 5,6% tinham ensino superior, proporção que aumenta para 9,7% entre os migrantes que retornaram para o mesmo município de nascimento, e 6,6% para os retornados para outro município da mesma UF. Por sua vez, a tabela 5 mostra a relação entre nível educacional e condição de nascimento, especificamente para os migrantes<sup>3</sup>, o que nos permite concluir que não há um grande diferencial educacional (em relação ao ensino superior) entre os

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> O volume total da tabela 5, de 190.919 pessoas, é um pouco abaixo do volume total da tabela 3 (267.604) pois na tabela 5 foram computados somente os indivíduos com idade igual ou superior a 25 anos.

migrantes interregionais que retornam para o mesmo município e para aqueles que retornam para outro município da mesma UF:

Tabela 4: População por condição de nascimento no município, migração e por curso superior

Possui curso	NASCEU NESTE MUNICÍPIO								
Superior	sim, e nunca migrou % sim, mas já migrou %			não	%	Total			
Não	15.149.721	94,38%	1.463.141	90,30%	7.965.107	93,36%	24.577.969		
Sim	902.721	5,62%	157.246	9,70%	566.325	6,64%	1.626.292		
Total	16.052.442		1.620.387		8.531.432		26.204.261		

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

\*população acima de 25 anos

Tabela 5: Perfil dos migrantes por condição de nascimento em relação ao município e por curso superior

	•				
Possui graduação	sim	%	não	%	Total
não	106.371	59,49%	72.420	40,51%	178.791
sim	6.993	57,66%	5.135	42,34%	12.128
Total	113.364		77.555		190.919

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

\*população acima de 25 anos

A tabela 6 apresenta o conjunto total das variáveis agregadas para este trabalho, neste caso o nível educacional, a hierarquia das cidades e a condição de nascimento. Pode-se notar que, entre os migrantes que não possuem nível superior, a distribuição deste grupo na hierarquia de cidades é mais concentrada nas cidades pequenas (abaixo de 50 mil habitantes), e cuja concentração é maior entre os indivíduos que retornaram para o mesmo município de origem (61,92%) comparativamente àqueles que retornaram para outro município da UF (44,19%). Isso nos permite concluir que a maioria dos migrantes sem curso superior são oriundos de cidades pequenas, sendo que o mesmo não pode se afirmar para o grupo de retornados com ensino superior.

Neste último caso, observa-se que 40,55% dos migrantes com ensino superior que retornam para o mesmo município o fazem para cidades com população acima de 1 milhão de habitantes, em contraponto aos 19,62% de migrantes com ensino superior que retornam para a mesma cidade de nascimento, mas neste caso em cidades cuja população é inferior a 50 mil habitantes. Entre os migrantes com ensino superior que retornam para outro município em relação ao de nascimento, mais de 70% o fazem em cidades com população superior a 100 mil habitantes. Assim, pode-se afirmar que os retornados com ensino superior se concentram em cidades maiores, e independentemente se retornam para o mesmo município de nascimento:

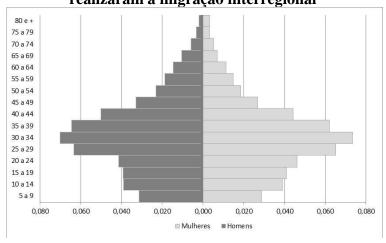
Tabela 6: Migração interregional de retorno pela condição de nascimento, hierarquia dos municípios e curso superior - Região Nordeste - 2010

	erar quia a	op mane	pros e ee	nso super	101 110810	10 1101 41	2010	
Possui ensino	Hierarquia do			NASCEU NES	STE MUNICÍPIO			
	município	Sim	%	%	Não	%	%	Total
	<50	65.861	61,92	67,30	32.004	32,70	44,19	97.865
	50a100	15.881	14,93	60,30	10.454	39,70	14,44	26.335
	município         Sim         %         Não         %         %           <50	27.950						
Nao	500a1	6.041	5,68	42,25	8.257	57,75	11,40	14.298
:	>1 milhão	6.302	5,92	51,06	6.041	48,94	8,34	12.343
		106.371			72.420			178.791
	<50	1.372	19,62	59,11	949	40,89	18,48	2.321
Sim	50a100	515	7,36	50,74	500	49,26	9,74	1.015
	100a500	921	13,17	40,73	1.340	59,27	26,10	2.261
Sim	<50	2.461						
	>1 milhão	2.836	40,55	69,68	1.234	30,32	24,03	4.070
		6.993			5.135			12.128
	<50	67.233	59,31	67,11	32.953	32,89	42,49	100.186
	50a100	16.396	14,46	59,95	10.954	40,05	14,12	27.350
	100a500	13.207	11,65	43,72	17.004	56,28	21,93	30.211
Total	500a1	7.390	6,52	44,10	9.369	55,90	12,08	16.759
	>1 milhão	9.138	8,06	55,68	7.275	44,32	9,38	16.413
		113.364			77.555			190.919

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

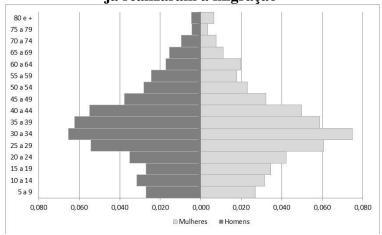
As figuras 1 e 2 correspondem às pirâmides etárias dos migrantes de retorno interregional, no caso, distintos por condição de nascimento. Numa análise geral, é possível notar que os retornados ao município de nascimento possuem uma estrutura um pouco mais envelhecida, e uma maior prevalência de mulheres e nos intervalos entre 25 e 44 anos para as duas pirâmides, como era de se esperar, dado que os migrantes se concentram tipicamente nas idades mais jovens:

Figura 1: Pirâmide etária dos migrantes de retorno naturais do município que já realizaram a migração interregional



<sup>\*</sup>em vermelho o percentual em relação às linhas.

Figura 2: Pirâmide etária dos migrantes de retorno não-naturais do município que já realizaram a migração



As figuras 3 e 4 correspondem, respectivamente, à distribuição dos naturais e dos imigrantes de retorno de data fixa interregionais, no nível dos municípios, onde fica clara a correspondência entre a concentração dos retornados em relação às maiores cidades, com destaque ainda para o oeste do Maranhão e da Bahia, além das regiões sul do Ceará e da Bahia, como principais áreas de concentração desses imigrantes, além das principais cidades da Região Nordeste, como fora colocado:

Figura 3: Mapa da distribuição dos naturais da UF por hierarquia dos municípios

— Região Nordeste — Censo 2010

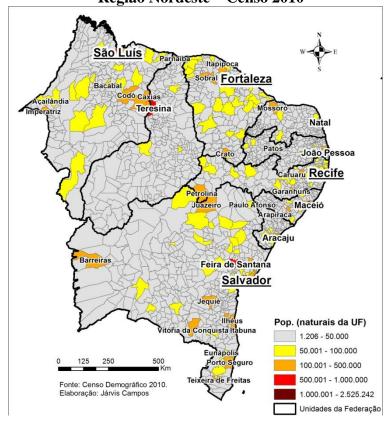
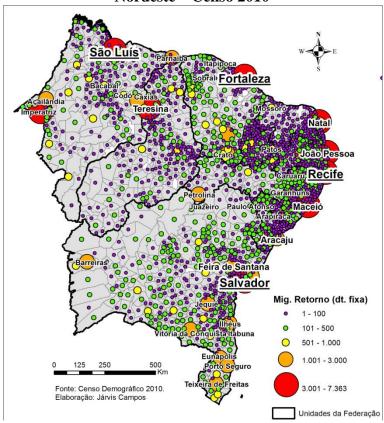
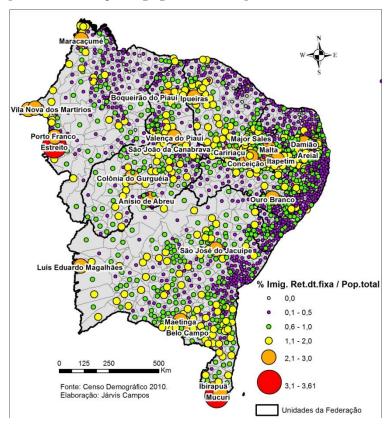


Figura 4: Mapa de imigrantes de retorno por data fixa interregional – Região Nordeste – Censo 2010

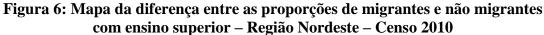


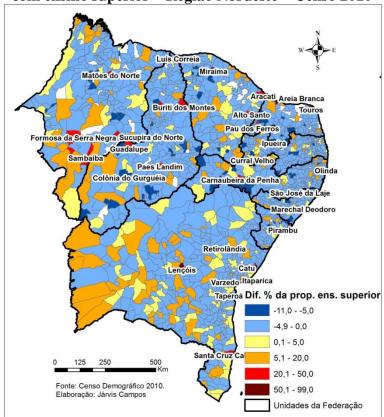
A figura 5, por sua vez, apresenta a proporção dos imigrantse de retorno de data fixa, em relação à população total, no qual se destaca a região oeste do Estado do Maranhão, através de municípios como Estreito e Porto Franco, além de municípios do interior da Bahia, caso de Luís Eduardo Magalhães, na região extremo oeste, e na região sul, através de municípios como Mucurí e Maetinga. Regiões como no interior dos Estados do Piauí e Ceará também merecem destaque, pela alta proporção de retornados, em relação à população. Contudo, o maior destaque é o Estado da Paraíba, que apresenta uma grande quantidade de pequenos municípios com elevadas taxas, como Malta, Damião, Itapetim, Areial, entre outros, e que devem ser alvos de estudos futuros, que contemplem com maiores detalhes a dinâmica migratória deste Estado, bem como seus condicionantes:

Figura 5: Mapa da proporção dos imigrantes de retorno por data fixa interregional em relação à pop. total – Região Nordeste – Censo 2010



A figura 6 mostra a diferença entre as proporções de migrantes e não migrantes com ensino superior, sendo que os valores positivos correspondem aos municípios com maior proporção de migrantes retornados com ensino superior em relação aos não migrantes com o mesmo nível de ensino. Nota-se que a maioria dos municípios do Nordeste apresenta uma maior proporção de não migrantes com curso superior. Entretanto, regiões como o sul do Maranhão, o interior do Ceará (de um modo geral) e o oeste da Bahia (que tem apresentado forte crescimento econômico, ligado à atividade agropecuária para exportação) apresentam um cenário diferente, quando comparado às demais regiões interioranas, com a prevalência de uma maior proporção de retornados com ensino superior, em relação aos não migrantes:





A tabela 7 mostra a migração interregional de curto prazo, por hierarquia das cidades, enquanto a tabela 8 adiciona a estes o quesito de ensino superior:

Tabela 7: Migração interregional de curto prazo por hierarquia dos municípios

	Hierarquia dos municipios									
UF	<50	%	50a100	%	100a500	%	500a1 milhão	%	>1 milhão	Total
Maranhão	7.470	19,09%	1.781	18,09%	2.859	23,85%	0	0,00%	1.639	13.749
Piauí	4.110	10,50%	457	4,64%	260	2,17%	647	13,11%	0	5.474
Ceará	3.882	9,92%	1.660	16,86%	905	7,55%	0	0,00%	1.704	8.151
Rio Grande do I	1.160	2,96%	71	0,72%	448	3,74%	712	14,42%	0	2.391
Paraíba	3.747	9,58%	446	4,53%	587	4,90%	912	18,47%	0	5.692
Pernambuco	3.605	9,21%	1.538	15,62%	1.564	13,05%	608	12,32%	993	8.308
Alagoas	2.131	5,45%	556	5,65%	351	2,93%	886	17,95%	0	3.924
Sergipe	795	2,03%	379	3,85%	121	1,01%	693	14,04%	0	1.988
Bahia	12.233	31,26%	2.956	30,03%	4.890	40,80%	479	9,70%	1.321	21.879
Total	39.133		9.844		11.985		4.937		5.657	71.556

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

<sup>\*%</sup> em relação à coluna

Tabela 8: Migração de curto prazo segundo curso de graduação e hierarquia dos municípios

Possui curso						arquia dos r					%	Total
superior	Estado	<50	%	50a100	%	100a500	%	500a1 milhão	%	>1 milhão		
	Maranhão	362	34,54%	129	12,31%	212	20,23%	0	0,00%	345	32,92%	1048
	Piauí	98	37,98%	8	3,10%	50	19,38%	102	39,53%	0	0,00%	258
	Ceará	414	16,94%	229	9,37%	193	7,90%	0	0,00%	1608	65,79%	2444
	Rio Grande do Norte	285	23,55%	39	3,22%	334	27,60%	552	45,62%	0	0,00%	1210
	Paraíba	72	6,01%	78	6,51%	192	16,01%	857	71,48%	0	0,00%	1199
Não	Pernambuco	178	6,45%	246	8,91%	604	21,88%	467	16,92%	1265	45,83%	2760
	Alagoas	65	19,58%	8	2,41%	54	16,27%	205	61,75%	0	0,00%	332
	Sergipe	56	36,13%	18	11,61%	0	0,00%	81	52,26%	0	0,00%	155
	Bahia	1240	19,98%	429	6,91%	2695	43,43%	186	3,00%	1656	26,68%	6206
	Total	2770		1184		4334		2450		4874		15612
	Maranhão	31	7,89%	9	2,29%	49	12,47%	0	0,00%	304	77,35%	393
	Piauí	43	24,86%	0	0,00%	9	5,20%	121	69,94%	0	0,00%	173
	Ceará	224	17,14%	115	8,80%	54	4,13%	0	0,00%	914	69,93%	1307
	Rio Grande do Norte	99	18,20%	0	0,00%	93	17,10%	352	64,71%	0	0,00%	544
0:	Paraíba	46	6,01%	72	9,41%	127	16,60%	520	67,97%	0	0,00%	765
Sim	Pernambuco	57	4,75%	55	4,59%	253	21,10%	143	11,93%	691	57,63%	1199
	Alagoas	30	12,61%	0	0,00%	11	4,62%	197	82,77%	0	0,00%	238
	Sergipe	15	5,84%	19	7,39%	0	0,00%	223	86,77%	0	0,00%	257
	Bahia	439	16,40%	165	6,16%	718	26,82%	35	1,31%	1320	49,31%	2677
	Total	984		435		1314		1591		3229		7553
	Maranhão	393	27,27%	138	5,00%	261	18,11%	0	0,00%	649	45,04%	1441
	Piauí	141	32,71%	8	0,29%	59	13,69%	223	51,74%	0	0,00%	431
	Ceará	638	17,01%	344	12,46%	247	6,58%	0	0,00%	2522	67,24%	3751
	Rio Grande do Norte	384	21,89%	39	1,41%	427	24,34%	904	51,54%	0	0,00%	1754
Total	Paraíba	118	6,01%	150	5,43%	319	16,24%	1377	70,11%	0	0,00%	1964
Total	Pernambuco	235	5,94%	301	10,91%	857	21,65%	610	15,41%	1956	49,41%	3959
	Alagoas	95	16,67%	8	0,29%	65	11,40%	402	70,53%	0	0,00%	570
	Sergipe	71	17,23%	37	1,34%	0	0,00%	304	73,79%	0	0,00%	412
	Bahia	1679	18,90%	594	21,52%	3413	38,42%	221	2,49%	2976	33,50%	8883
	Total	3754		1619		5648		4041		8103		23165

Fonte: elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico 2010

Observa-se que o contingente de migrantes de retorno de curto prazo é muito baixo, na ordem de 23 mil pessoas, e sendo que deste total, 67% não possuem curso superior, contra aproximadamente 93% dos migrantes de retorno de data fixa sem ensino superior. Tal quadro nos permite afirmar que os migrantes retornados de curto prazo são em média bem mais escolarizados que os migrantes de retorno de data fixa, o que faz sentido, quando se analisa o perfil de mobilidade dos migrantes de curto prazo, que se deslocam em intervalos temporais menores e com uma maior dinâmica, típica de profissionais integrados ao mercado de trabalho formal, de maior capacitação técnica e maior escolaridade. Apesar dos dados da tabela 8 apresentar alguns valores "zero", o que é resultado do excesso de desagregação das informações do microdado, é possível notar o mesmo fenômeno observado para os retornados de data fixa, qual seja, o de maior concentração nas grandes cidades para os migrantes de retorno com ensino superior.

Os mapas a seguir correspondem à análise fatorial produzida a partir das matrizes dos migrantes quinquenais com origem e destino nas microrregiões do Nordeste. Tem-se como objetivo identificar os principais fluxos populacionais existentes dentro da região, o que constitui uma fonte de informações mais abrangente – pois não foram

selecionados especificamente os retornados, mas todos os migrantes quinquenais – e fundamental para a compreensão das principais redes de migração intrarregional:

Figuras 7 e 8: Destinos das principais redes espaciais de migração de alta escolaridade: microrregiões da Região Nordeste — Censos 2000 e 2010

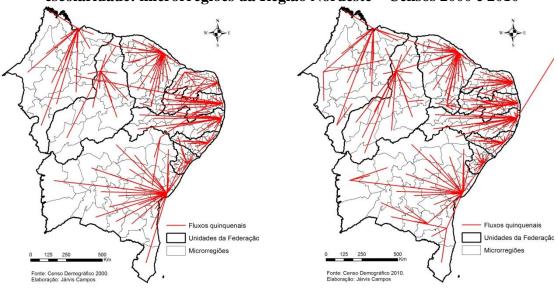
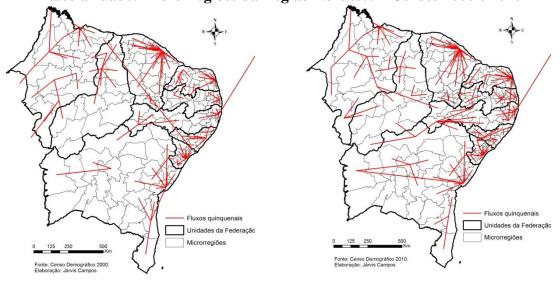


Figura 9 e 10: Destinos das principais redes espaciais de migração de baixa escolaridade: microrregiões da Região Nordeste — Censos 2000 e 2010



Os mapas 7 e 8 correspondem aos destinos das principais redes de migração de alta escolaridade, onde fica evidenciado a forte concentração das redes migratórias de elevada escolaridade nos grandes centros – particularmente nas capitais das UF's – e em subcentros regionais, como é o caso do extremo oeste baiano, que em 2010, passa a ser a principal origem de um conjunto de microrregiões vizinhas, fruto do desenvolvimento do agronegócio em municípios como Luís Eduardo Magalhães e Barreiras. O extremo

sul da Bahia também passa a apresentar, no segundo censo, regiões de destaque nas redes migratórias intrarregionais, bem como algumas regiões do sul do maranhão, o que mostra um aumento no grau de relacionamento entre regiões anteriormente captadas, em termos de redes de migração, por centros de maior expressão regional.

Os mapas 9 e 10, por sua vez, apresentam os fluxos dos destinos das principais redes de migração de baixa escolaridade. Nesses casos, observa-se a forte concentração das redes migratórias entre áreas de baixo desenvolvimento, além da ausência de fluxos em várias regiões estagnadas do interior do Nordeste. Neste último caso, tal processo pode estar associado à forte relação existente entre essas áreas estagnadas com áreas fora da região Nordeste, o que está associado em grande medida à migração de retorno interregional.

## 5. Considerações finais

Diante do exposto e dos trabalhos investigados, dos quais alguns estão referenciados neste texto, conclui-se que a complexidade dos estudos migratórios provoca um grande desafio para os estudiosos do tema. Por isso, para que os mesmos lidem com essa crescente dificuldade é necessário ampliar suas categorias conceituais, seus marcos referenciais e, também, seus instrumentos de medição e fontes de dados.

Como visto, a migração de retorno é, sem dúvida, um dos principais fenômenos ocorridos dentro dos fluxos migratórios brasileiros nos últimos decênios. Parece evidente, de acordo com os estudos de Fazito (2005), que os retornados desempenham funções singulares e essenciais a todo o processo social da migração. Seja quanto aos aspectos simbólicos e de legitimação social dos deslocamentos, seja quanto aos aspectos operativos dos fluxos. Além disso, os retornados têm a função primordial de "fechar" o sistema de migração e conferir o sentido decisivo aos projetos de deslocamento, garantindo a circularidade dos movimentos populacionais e a legitimidade dos eventos nos ciclos de vida de indivíduos e grupos.

## 6. Bibliografia

BAENINGER, R. Novos Espaços da Migração no Brasil: Anos 80 e 90...In: XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2000, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.

- BAENINGER, R. Tendências do crescimento demográfico nos aglomerados urbanos. In: NETO, Elias Rassi; BÓGUS, Cláudia Maria (eds.). **Saúde nos aglomerados Urbanos:** uma visão integrada. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003, p.97-136.
- BAENINGER, R. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, 2008.
- BRITO, F. Brasil final de século: a transição para um novo padrão migratório. In: FAUSTO. (Org.). **Transições Migratórias**. 7 ed. Fortaleza: Iplance, 2003, p. 15-54.
- CARVALHO, J. A. M. de. & RIGOTTI, J.I.R. Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais.** São Paulo, v.15, n.2, 1998.
- CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. **Bahia Análise & Dados**, Salvador BA/SEI, v.10, n.4, p.79-106, mar. 2001.
- CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. Cenários da migração no Brasil nos anos 90. *Caderno do CRH*, Salvador, v. 18 n. 43, 2005.
- CUNHA, J. P. M. São Paulo apresenta migração negativa. **Comciência**, São Paulo, número 07, fev. 2006. Disponível em: <a href="http://www.comciencia.br/noticias/2006/02/migracao.htm">http://www.comciencia.br/noticias/2006/02/migracao.htm</a>>. Acesso em: 23 jul. 2006.
- FAZITO, D. **Dois aspectos fundamentais do "retorno":** símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2005, 16p.
- GARCIA, R. A.; RIBEIRO, A. de M. Movimentos migratórios em Minas Gerais: efeitos diretos e indiretos da migração de retorno 1970/1980, 1981/1991 e 1990/2000. In: XI SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 2004, Diamantina, **Anais...** Belo Horizonte, 2004, p. 15.
- JUSTO, W. R.; SILVEIRA NETO R. da M. Migração inter-regional no Brasil: evidência a partir de um modelo espacial. **Economia**, Brasília (DF), v.7, n.1, p.163–187, jan./jul. 2006.
- MARTINE, G. A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80. Texto para discussão nº 329. Rio de Janeiro: IPEA, jan.1994, 47 p.
- MARTINS, J. de S. Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, J. T. L. Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991. 1997, 206 p. Tese (Doutorado em Demografia) Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- RIGOTTI, J. I. R. **Técnicas de Mensuração das migrações, a partir de dados censitários: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo.** 1999. Tese (Doutorado CEDEPLAR). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RIGOTTI, J. I. R. A geografia dos fluxos populacionais brasileiros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.20, n.57, p.237-254, mai./ago. 2006.
- RIGOTTI, J. I. R. A (re)distribuição da população brasileira e possíveis impactos sobre a metropolização. In: 32° Encontro da ANPOCS. Caxambu. Disponível em: <a href="http://200.152.208.135/anpocs/trab/adm/impressao\_gt.php?id\_grupo=55&publico=S">http://200.152.208.135/anpocs/trab/adm/impressao\_gt.php?id\_grupo=55&publico=S</a>, 2008.
- RIGOTTI, J. I. R., FAZITO, D., CAMPOS, J. A distribuição de mão de obra qualificada no Brasil é um entrave ao crescimento econômico de maior valor agregado no interior do país? In: **Rede de pesquisa formação e mercado de trabalho: coletânea de artigos. Vol. I: Tendências e aspectos demográficos do mercado de trabalho** (org.) OLIVEIRA, M. P. P. et al. Brasília, IPEA: ABDI, 2014. 199 p.
- SANTOS JUNIOR, E. R. *et al.* Seleção e Diferenças Regionais de Renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, p. 299-331, dez. 2005.
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. Travessia, São Paulo, **Revista do Centro de Estudos da Migração**, São Paulo, número especial, 21 p., jan. 2000.